A BANALIZAÇÃO DO SUICÍDIO NA SÉTIMA ARTE E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS

THE BANALIZATION OF SUICIDE IN THE SEVENTH ART AND ITS SOCIAL CONSEQUENCES

Brenda Reis Luz¹

Jéssica Rocha Magalhães²

Rayssa Ferreira da Silva Solidade³

Marcos Augusto de Castro Peres⁴

RESUMO: Este artigo se propõe a ser uma investigação analítica sobre o Efeito Werther — configurado, à grosso modo, como um efeito de repetição da prática suicida por influência de uma representação fictícia e/ou factual de um caso de autoextermínio — a partir de produções cinematográficas. Desta forma, serão observados os impactos sociais ocasionados, ou não, pelo trato destinado ao tema do suicídio desde produções fílmicas da sétima arte, a fim de sugerir mecanismos que possam auxiliar no desenvolvimento de temas-gatilho como o autoextermínio, a violência e a morte. Para alcançar tais objetivos, foram utilizados autores dos estudos cinematográficos, da psicologia e das ciências sociológicas, tais quais BRITO (2011); DURKHEIM (2000; 2004); e PHILLIPS (1974), além de materiais-base produzidos pelos órgãos públicos de saúde OMS (2000) e UNICEF (1990). Em razão de melhor desempenho na análise das materialidades fílmicas, sob a observação do Efeito Werther e da estruturação das três formas de suicídio apontadas por Durkheim (suicídio egoísta, altruísta e anômico), foram selecionadas três obras cinematográficas, a saber: a série *Os Treze Porquês* (2017);

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
E-mail: brluz.let@uesc.br

² Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
E-mail: jmagalhaes.let@uesc.br

³ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
E-mail: rfssolidade.let@uesc.br

⁴ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: macperes@uesc.br

o curta-metragem *Patriotismo, ou Rito de Amor e Morte* (1966); e o longa-metragem *Esta é a sua Morte: o show* (2017).

Palavras-chave: Durkheim. Efeito Werther. Sétima Arte. Suicídio.

ABSTRACT: This article proposes to be an analytical investigation on the Werther Effect — configured, roughly, as an effect of repetition of the suicidal practice under the influence of a fictitious and/or factual representation of a case of self-extermination — based on cinematographic productions. Thereby, the social impacts caused, or not, by dealing with the theme of suicide from film productions of the seventh art, will be observed, in order to suggest mechanisms that can help in the development of trigger themes such as self-extermination, violence and death. To achieve these goals, authors from cinematographic studies, psychology and sociological sciences were used, such as BRITO (2011); DURKHEIM (2000; 2004); and PHILLIPS (1974), in addition to base materials produced by public health agencies WHO (2000) and UNICEF (1990). For a better performance in the analysis of filmic materialities, under the observation of the Werther Effect and the structuring of the three forms of suicide pointed out by Durkheim (selfish, altruistic and anomic suicide), three cinematographic works were selected, namely: the series *13 Reasons Whys* (2017); the short film *Patriotism* (1966); and the feature film *The Show* (2017).

Keywords: Durkheim. Seventh Art. Suicide. Werther Effect.

INTRODUÇÃO

São muitas as palavras que nomeiam a interrupção da vida humana — falecimento, óbito, morte — e todas operam sob distintas concepções e pontos de vista: cultural, filosófico, religioso. Porém, ainda que haja divergências entre os vários tipos de conhecimento e as várias formações culturais quanto a este marcador social inerente à vida humana, a morte se mantém antagônica à perspectiva biológica (e eurocêntrica) de vida, estando, assim, em oposição à ação de estar vivo. No seguimento desta dualidade (morte e vida), constroem-se outras pluri conceituações com relação ao tema, a exemplo do fenômeno social do suicídio, que se insere neste trabalho de forma focalizada e analítica.

Levando em consideração a amplitude dos termos morte, vida e suicídio, tem-se como compreensão fundamental deste último a ideia do autoextermínio. Como aponta a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), o suicídio é um problema de saúde pública que se configura por atos intencionais de um indivíduo para acabar com a própria vida. Pensando nisto, o objetivo deste trabalho é o de delimitar o conceito de suicídio em cotejo com a vertente sociológica do filósofo e sociólogo francês Émile Durkheim e investigar e analisar o trato que este tema recebe em materialidades cinematográficas — curtas-metragens, longas-metragens, séries e novelas — com o intuito de verificar se estas representações ocorrem ou não de maneira banalizada e

conciliar as leituras advindas destes gestos de análise ao que se sabe sobre o fenômeno da imitação observado no “Efeito Werther”.

Antes, contudo, é necessário tecer alguns apontamentos com relação ao fenômeno social do suicídio, visto que o suicídio entra na viela dos temas enclausurados na tabela dos tabus, ou seja, assuntos que sócio-historicamente são tidos como proibidos, não devendo ser mencionados ou debatidos e, conseqüentemente, não podem facilmente ser tratados com amplitude e seguridade. Isto dito, conclui-se que a ideia de suicídio veiculada, aqui, é a de um fenômeno social (mais à frente será abordado o conceito durkheimiano de fato social) que configura-se pelo autoextermínio voluntário e intencional.

SUICÍDIO: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

Considerando todos os pontos abordados no tópico anterior, propõe-se, a partir de agora, estreitar relações entre o fenômeno social do suicídio e a teoria do filósofo francês Émile Durkheim no que toca suas considerações sobre a temática do autoextermínio. Em seguida, pretende-se levantar pontos relevantes para o trato da temática sob a perspectiva da sétima arte, bem como do conceito de “Efeito Werther” e das contribuições dos Determinantes Sociais de Saúde.

Durkheim e os Fatos Sociais

Durkheim, em sua ampla obra e, principalmente, em seus livros *As Regras do Método Sociológico* (2004) e *O Suicídio* (2000) arquitetou não somente os princípios básicos da sociologia moderna, mas, também, trouxe à luz conceitos pertinentes para o entendimento da sociologia enquanto ciência. Nestas duas obras, Durkheim debruça-se, ainda, sobre os fatos sociais, dentro dos quais tem-se o suicídio e as suas tipologias, divididas em três: o suicídio altruísta, o suicídio anômico e o suicídio egoísta.

Sobre os fatos sociais, Durkheim postula que “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (DURKHEIM, 2004, p. 39), e caracterizadas por generalidade – por estarem presentes em todas as formações sociais. E é justamente nesta última consideração, a da generalidade, na qual o fato social do suicídio enquadra-se.

Já sabendo que o suicídio é um fato social presente em todas as sociedades, é necessário descrever os três tipos apontados pela sociologia durkheimiana: i) o suicídio altruísta, marcado por uma motivação coletiva, onde o indivíduo que intenta sobre a própria vida age em função de uma comunidade – uma crença, um valor moral, uma demanda comunitária na qual acredita; ii) o suicídio anômico, classificado pelo autoextermínio que ocorre em uma situação de anomia social, ou seja, uma mudança súbita em determinada formação político-social na qual se verifique a ausência de regras sociais referenciais; e iii) o suicídio egoísta, comumente atribuído aos casos onde sejam observadas motivações de cunho pessoal, tais quais os casos de indivíduos socialmente deslocados, psicologicamente atormentados e/ou que buscam sanar uma dor individual para a qual acreditam como única solução a morte.

Efeito Werther

A terminologia *Efeito Werther* advém de um romance epistolar do escritor Johann Wolfgang von Goethe, intitulado “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (1774). Na obra, o personagem principal se apaixona por uma mulher de nome Charlotte, que, por já estar casada, não pode deixar florescer o romance entre os dois. Desolado com a impossibilidade de ter ao lado seu amor, Werther deixa-se levar pela angústia e tira a própria vida. Sendo este um romance de época, escrito em tempos idos que desconheciam tecnologias como a televisão e a internet, a literatura era uma das poucas e mais artísticas formas às quais as pessoas recorriam em busca de lazer, prazer e escapismo cotidiano.

Dito isto, é de interesse mencionar que vestígios históricos apontam que jovens da época, emocionados pela comoção depressiva despertada pelo famoso personagem de Goethe, e inspirados pela solução desesperada do jovem apaixonado, seguiram o mesmo caminho. Assim, foram atribuídos centenas de suicídios à leitura em questão, fazendo com que a obra fosse repreendida pela Igreja Católica, colocando-a na lista de livros proibidos.

Assim, em meados de 1970, o sociólogo David P. Phillips (PHILLIPS, 1974) usou pela primeira vez o termo “*Efeito Werther*”, como designação para a influência de sugestão ao suicídio, denotando um possível efeito de imitação que um suicídio pode exercer sobre outras pessoas. Ainda segundo Phillips (1974), a imitação pode ocorrer por influência do suicídio de celebridades, de casos retratados nas mídias de comunicação e até mesmo de personagens ficcionais que tiveram um grande alcance de público.

É importante ressaltar, ainda, indícios de que o *Efeito Werther* se relaciona mais estreitamente com notícias de suicídios reais do que ficcionais e que a literatura é mais influente nos casos de suicídios imitativos do que o audiovisual. Assim, tem-se resultados inconsistentes quanto às pesquisas feitas sobre a influência midiática do suicídio, com conclusões de “que a associação entre a representação na televisão de modelos suicidas em programas de ficção e suicídios ou tentativas subsequentes no “mundo real” é apenas de consistência moderada” (PIRKIS; BLOOD, 2001, apud CESAR, 2017, p. 41).

Com isto, conclui-se que o audiovisual deve ser considerado um fator de influência nos casos em que o tema não é tratado de forma consciente e responsável, retratando cenas demasiadamente levianas da ação que leva ao suicídio da personagem, possibilitando leituras românticas e socialmente nocivas que possam despertar sentimentos de melancolia e gatilhos a pessoas que já se encontram em estado de vulnerabilidade emocional e psicológico, tais quais depressivas ou vítimas de episódios traumáticos de abuso ou violência.

Determinantes Sociais da Saúde

O suicídio é uma das maiores causas de mortes no mundo, contabilizando cerca de 800 mil vítimas por ano em todo o globo. Ao analisar as “estimativas mostram que, para cada suicídio, acontecem pelo menos dez tentativas suficientemente sérias que exigem atenção médica e, para cada tentativa de suicídio registrada, existem quatro não conhecidas” (GONÇALVES, 2011, apud CESAR, 2017, p. 20). Desta forma, deve-

se refletir sobre o descaso com o qual este grave problema de saúde pública é tratado, visto que os casos de suicídios efetivados revelam um alto índice de tentativas prévias ignoradas pela sociedade, pela família e pelos setores responsáveis pela saúde física e psicológica.

Neste sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define que os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) relacionam-se com o ambiente em que as pessoas vivem e trabalham, afirmando, também, que para ter uma vida com saúde é necessário estar em completo bem-estar físico, mental e social. Assim, devem ser considerados os fatores exteriores que afetam e constroem a individualidade dos sujeitos, tais quais os econômicos, os culturais, os étnicos/raciais, os psicológicos e, claro, os fatores comportamentais que refletem (ou não) na coletividade social do indivíduo (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 17 - 93).

REPRESENTAÇÕES NA SÉTIMA ARTE

Diante do exposto, convém, a partir de agora, estabelecer os gestos de análises pertinentes à temática e ao recorte de impacto social associado às materialidades cinematográficas selecionadas, que a saber, são: o filme *Patriotismo, ou Rito de Amor e Morte* (1966), do diretor japonês Yukio Mishima, selecionado como material principal de análise desde a perspectiva do suicídio altruísta; o filme *Esta é a sua Morte – O Show* (2017), do diretor ítalo-americano Giancarlo Esposito, escolhido como material principal para a análise do suicídio anômico; e a série *Os treze (13) Porquês* (2017), produzida pela Netflix e selecionada como principal material de análise para o caso do suicídio egoísta.

Ainda que estes sejam os exemplos elegidos para a análise focalizada, ao longo dos próximos tópicos serão mencionados exemplos cinematográficos e histórico-factuais para ilustrar a leitura interpretativa executada ao longo desta investigação, levando em conta as características primordiais levantadas por Durkheim na definição dos três tipos de suicídio e o que postulam outros autores no que toca a representação audiovisual deste fenômeno social e suas implicações.

Juventude e Sofrimento: Os 13 Porquês e o Suicídio Egoísta

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), a adolescência ocorre entre os 12 e os 18 anos. Nesse período, acontecem grandes mudanças no corpo, no âmbito mental e social. Em meio a essas mudanças, a criança se torna um adulto sexuado, perde a segurança de seu corpo conhecido e a relação de dependência e proteção com os pais. “Ao entrar na puberdade as alterações hormonais e morfológicas impõem-se, assim como a emergência de novas capacidades de sentir, pensar e agir”, segundo a psiquiatra da Infância e Adolescência, Isabel Brito (2011, p. 208). Zanella e Antony (2016) chamam essa faixa etária de “período do ciclo vital”, onde o adolescente “questiona as introjeções da família e da sociedade, em uma busca de encontrar a sua própria identidade” (apud GOMES, 2018 p.13).

De acordo com Zanella e Antony (2016), quando o adolescente se movimenta na direção de se livrar dessas introjeções impostas pelo meio ele se direciona para o que as autoras chamam de egotismo funcional, ou seja, ele passa a se tornar o centro, mobilizando seus recursos em direção à descoberta e à emancipação do seu próprio eu no processo de autorrealização. (GOMES, 2018, p.13)

E é nessa fase da vida que os desfortúnios de Hannah começam e a levam ao seu fim. Personagem principal da série da Netflix, *13 Reasons Why* (2017), Hannah Baker é inspirada na protagonista do livro homônimo de 2007, escrito por Jay Asher. Ela acaba de chegar na cidade fictícia de Crestmont e durante os treze episódios são mostrados, a partir do ponto de vista das pessoas de seu convívio, os acontecimentos anteriores à sua morte — com base nas gravações das treze fitas que Hannah deixou para as pessoas que acreditava serem responsáveis pelo seu sofrimento, com a intenção de explicar os motivos que a levaram ao seu autoextermínio.

Com apenas 17 anos, ela decidiu tirar a própria vida depois de uma série de acontecimentos que a levaram à depressão e ao sofrimento psicoemocional: machismo, preconceito, bullying, cyberbullying, assédio moral, assédio sexual, estupro. E, por mais sinais que Hannah tenha dado ao longo dos dois anos vividos ali, ninguém percebeu ou se importou suficientemente para tentar ajudá-la. A psicóloga Letícia Gomes (2018, p. 32) afirma que “*Os treze porquês*”:

Obteve grande audiência entre o público juvenil e mobilizou diversos posicionamentos divergentes. A série repercutiu na mídia, no posicionamento de profissionais da área da saúde e da sociedade em geral. Os debates polemizaram sobre como a audiência juvenil receberia as informações contidas na série e quais seriam as possíveis consequências para a saúde mental dessa população. (GOMES, 2018, p. 32)

A série também foi vista com maus olhos por detalhar a cena de morte da personagem. “Para a OPS (2016), a fácil disponibilidade dos meios para concretizar o suicídio é um importante fator de risco.” (apud GOMES, 2018, p. 34). E, segundo Cordeiro e Silva (2018, p.13), o livro “*Os sofrimentos do jovem Werther*” (1774) é um grande exemplo de como o indivíduo pode ser influenciado ao suicídio, como já abordado no tópico acima “Efeito Werther”. Os autores também falam sobre como uma mensagem com o intuito de prevenir pode ter o efeito contrário, como o caso da novela britânica da BBC, analisada por Simon Collins em 1993, “*Casualty*” (1986). De acordo com Cordeiro e Silva (2018, p. 40), um “episódio foi destinado a prevenir que adolescentes que porventura pensam em tomar alguns comprimidos para aliviar os problemas, não façam isso, pois podem acabar morrendo acidentalmente”, porém:

[...] o autor sugere que o episódio teve um efeito oposto, nas semanas seguintes à exibição do episódio o hospital que Collins analisou teve um aumento significativo no número de adolescentes que apresentaram uma overdose por grande quantidade de comprimidos, a maioria por paracetamol (COLLINS, 1993. p.926) (apud CORDEIRO; SILVA, 2018. p. 40)

Como também cita Cordeiro e Silva (2018, p.41), um jovem peruano de 23 anos tirou a própria vida e deixou áudios sobre os motivos de sua morte, assim como Hannah. E, ainda que não existam provas de que ele assistia à série e/ou que ela o tenha inspirado ao suicídio, muitos conectaram o episódio ao trato irresponsável da produção. E como em “*Casualty*” (1986), “o objetivo da série é fazer com que os espectadores pensem em suas ações, pois não sabem como elas irão impactar a vida de outra pessoa”, ou seja, ambos casos tinham como proposta uma campanha de prevenção que caiu por terra.

Preocupada com a influência que as Mídias podem ter sobre grupos sociais diversos, a OMS criou a cartilha “*Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia*” (2000), como apresentado no Quadro 1:

Quadro 1 – Recomendações contidas na cartilha *Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia* (2000) da OMS

O QUE FAZER
Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos
Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como “bem sucedido”
Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos
Destacar as alternativas ao suicídio
Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda
Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida
O QUE NÃO FAZER
Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas
Não informar detalhes específicos do método utilizado
Não fornecer informações simplistas
Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso
Não usar estereótipos religiosos e culturais
Não atribuir culpas

Fonte: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf.

Abaixo, é possível ler um resumo da análise feita por Cordeiro e Silva (2018, p. 3 - 14) em um trabalho de monografia sobre este mesmo quadro de recomendações, tecendo relações entre o que diz o manual e quais pontos são ou não adotados pela produção da série. O recorte selecionado busca focar no tópico “*o que não fazer*”, levando em conta que os critérios do tópico “*o que fazer*” foram levados às telas:

1. **Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas**, como se trata do audiovisual e é recorrendo ao áudio deixado em fita que a série aborda a despedida da Hannah, explicando o porquê de forma a culpar cada uma das pessoas para quem ela deixa as fitas. A série falha neste ponto.

2. **Não informar detalhes específicos do método utilizado**, Hannah é mostrada em todos os passos até o momento do ato do suicídio. Quando ela grava as fitas e entrega ao amigo e vai ao correio, a volta para casa, a troca de roupa e o momento de encher a banheira enquanto pega lâminas, enquanto ao fundo toca a música “Vienna” do Ultravox. É mostrada a cena dela na banheira olhando para o vazio, e o uso da lâmina nos pulsos. Ainda é usado o recurso de prolongação da cena e o sangue se misturando com água até a mãe encontrar ela morta. Então a série é totalmente falha neste ponto.

3. **Não fornecer informações simplistas**, a série apresenta fatos do percurso que levaram Hannah ao suicídio, mas não aborda o fato dela ter depressão. Ao trazer os fatos não seria considerada simplista, no entanto seria melhor retratada se ela tivesse conseguido ajuda psicológica e tratado da saúde mental. Então este ponto é ambíguo.

4. **Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso**, ao abordar as narrativas e momentos da trama, a série usa do recurso de músicas bonitas e melancólicas, com uma romantização exagerada, além da glorificação da Hannah ao mostrar o armário escolar dela ser transformado em altar. Então outro ponto que a série novamente falha.

5. **Não usar estereótipos religiosos e culturais**, um dos maiores estereótipos representados e bem problematizador é o Bryce, que é o típico cara mulherengo que desrespeita as mulheres e que comete dois estupros dentro da série, reforçando o pensamento de que só caras maus cometem tais atos. Há falhas neste ponto.

6. **Não atribuir culpas**, a premissa central da série é a culpa, já que Hannah grava fitas indicando o porquê aquelas pessoas de alguma forma eram responsáveis pela sua morte, indo totalmente contra as diretrizes da OMS.

Sendo assim, “*13 Reasons Why*”, título original da obra, vai contra todas as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde, representando um risco à saúde pública: “um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios” (OMS, 2000, p. 3). Perspectiva reiterada pelos profissionais da área da saúde que trabalharam na confecção do manual, que afirma que “a maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios” (OMS, 2000, p. 3).

De acordo com o Correio Braziliense (2019), depois de dois anos desde a estreia de *13 Reasons Why*, já prestes a ser lançada a 3ª temporada, o criador e os produtores decidiram editar a cena da morte de Baker, com base em “estudos e opiniões de especialistas”, porém, uma pesquisa aponta que a decisão foi tomada tarde demais:

No mês seguinte à estreia, uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Saúde Mental (INSM) em parceria com diversos hospitais e universidades do país apontou um aumento de 28,9% de mortes entre crianças e adolescentes dos Estados Unidos após a série. O estudo foi publicado na revista científica *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* e apontou ainda que abril de 2017 registrou o maior número de mortes durante o período de cinco anos analisados. (CORREIO BRAZILIENSE, 2019)

Já a revista Galileu (2020), afirma que uma nova pesquisa refuta a anterior do doutor Jeff Bridge, PhD em Epidemiologia pela Universidade de Pittsburgh (EUA), publicada em 2019, que aponta a “relação entre o lançamento da série e o aumento dos casos de suicídio nos Estados Unidos”.

Segundo a revista, uma reanálise do estudo citado anteriormente foi publicada na revista acadêmica PLOS ONE, pelo diretor de pesquisa, Dan Romer, do Annenberg Public Policy Center da Universidade da Pensilvânia (EUA). Ele concluiu que “o crescimento do número desses casos entre garotos nos três meses após a estreia de 13 Reasons Why não era mais evidente, ao contrário do que havia sido apontado pela pesquisa anterior”(Apud GALILEU, 2020), e que o aumento de suicídios teria começado um mês antes.

A Galileu também conta que Romer acredita que, devido às 195 mortes por suicídio entre adolescentes de 10 a 17 anos serem do gênero masculino, não haveria uma real ligação com a série, visto que a personagem principal se trata de uma garota, o que poderia ser significativo caso houvesse gerado um aumento no número de suicídios entre jovens do gênero feminino. “Ademais, a análise anterior não levou em conta as fortes tendências seculares em termos de suicídio, especialmente entre garotos de 2016 a 2017”(Apud GALILEU, 2020).

Figura 2 – Gráfico divulgado pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos mostra as taxas de suicídio entre garotos (linha vermelha) e garotas (linha azul) de 15 a 19 anos entre os anos 1981 e 2017.

Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/estudo-refuta-evidencias-de-que-13-reasons-why-impulsionou-suicidios.html>

Porém, a revista (GALILEU, 2020), afirma que “a nova análise não rejeita a hipótese de que *13 Reasons Why* tenha causado algum impacto negativo em sua audiência, especialmente em garotas” e que a pesquisa mostrou um aumento “modesto de suicídios entre garotas adolescentes no primeiro mês após o lançamento da produção, mas apontou que esse dado não é estatisticamente confiável”. Ainda diz que Romer (Apud GALILEU, 2020), acredita que a série não preveniu o aumento de suicídio de adolescentes e “mesmo se ela tiver um efeito positivo sobre alguns espectadores, os produtores devem reconhecer o potencial de danos que há para os membros vulneráveis da audiência.”, e acrescenta que “deveria ser possível produzir uma série que destaca os desafios que os jovens enfrentam sem gerar suicídio por contágio ao mesmo tempo.”

Altruísmo e o Seppuku Japonês: Yukio Mishima e Patriotismo

Estabelecendo relações comparativas entre o exemplo acima – do suicídio egoísta impulsionado pelo sofrimento – e o suicídio altruísta, Durkheim (2000, p. 269) diz que:

Se, como acabamos de ver, uma individuação excessiva leva ao suicídio, uma individuação insuficiente produz os mesmos efeitos. Quando é desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e também se mata quando é integrado nela demasiado fortemente.

Assim, para o sociólogo francês, o suicídio egoísta, quase inexistente nas sociedades ditas “primitivas” – ou seja, aquelas sobre as quais operam cosmovisões antagônicas às formações sócio-culturais euro e etnocentradas – dá espaço ao suicídio altruísta. E pontua, ainda, que sobre esses povos opera este outro tipo de autoextermínio em razão do seu cerne servil, honroso e leal, estruturado em questões histórico-culturais marcadas pelas dinâmicas chefe-servo, religião-fiel e homem-mulher (esta última operando desde uma visão romântico-familiar).

Com isso, Durkheim (2000) diz, em seu *O Suicídio: estudo de sociologia*, que existem três categorias de suicídios altruístas em funcionamento nessas sociedades: a primeira, diz respeito ao autoextermínio de homens ao limiar da velhice e/ou acometidos por doenças; a segunda, fala sobre os suicídios de mulheres por ocasião da morte do marido; e a terceira e última, aborda o autocídio de clientes ou servidores por ocasião da morte de seus chefes. Em todos os três casos, o denominador comum e distintivo seria de que o homem não se mata porque se arroga o direito, mas, sim porque tem o dever de o fazê-lo, estando, em alguns casos, sob o risco de uma posição de desonra ou sob a coercitividade simbólica de punições político-religiosas.

E para ilustrar o que vem sendo dito, é de grande importância falar sobre a prática ritualística japonesa de Seppuku (que significa “cortar o ventre”), vulgarmente conhecida no ocidente como haraquiri (“cortar a barriga”). Para isto, são necessárias algumas considerações sobre a história desse país. A começar pela formação de classes do Japão Feudal, onde samurais ocupavam o topo da hierarquia, posição nitidamente privilegiada e honrada. Porém, ainda que permeada por uma sedutora ideia de

bravura e honra, os guerreiros eram guiados por um rigoroso código de ética, conhecido como Bushidô (“caminho do guerreiro”).

Nele, estavam designadas as condutas cabíveis e obrigatórias à classe de samurais (aqueles que servem). E, dentre estas práticas, havia a descrição do ritual de Seppuku, autocídio por esventramento, a ser realizado diante de cenários pré-estabelecidos, tais como uma derrota em batalha, um episódio de desonra sofrido pelo samurai em questão ou diante da necessidade de sacrificar-se em redenção a algum ato considerado equívoco pelo código do bushi (“guerreiro samurai”). Esta formação político-religiosa, baseada na disciplina e na lealdade, seguiu inspirando jovens que acreditavam na ressurreição de um Japão outrora glorioso, marcado pela virilidade masculina e pela honra.

Neste ponto, surge um nome que muito interessa a este trabalho. Ator, diretor, escritor e praticante de inúmeras lutas, Kimitake Hiraoka, que assinava sob o pseudônimo de Yukio Mishima, foi um inveterado samurai do século XX. Admirador e praticante de inúmeras tradições milenares japonesas, publicou, em 1961, o conto Yukoku, que significa “estar inquieto por seu país” (PONS, 2005, p. 1), e que foi traduzido para o português brasileiro como Patriotismo. Na narrativa, Mishima concentra-se nos três últimos dias de vida do Tenente Shinji Takeyama e de sua esposa, Keiko, que se passam entre os dias 26 e 29 de fevereiro de 1936.

Durante as pouco mais de 50 páginas, o jovem casal passa por uma série de cenas ritualísticas, eróticas e xintoístas, em preparação à prática de Seppuku e de suicídio que cometem em sequência. Os dois auto extermínios são planejados e executados diante de um motim militar, para o qual Takeyama não foi convidado devido ao seu recente matrimônio, acabando, por esse motivo, sendo ordenado a executar seus colegas. Diante da difícil escolha de trair a sua classe de guerreiros ou trair a sua farda, o Tenente opta pela morte honrosa através do Seppuku, cortando o seu ventre de maneira a expor todos os seus órgãos vitais. Sua esposa, em um gesto altruísta e honroso, acompanha seu marido e corta a própria garganta, remetendo à prática de Jigai, equivalente ritualístico praticado por guerreiras mulheres no Japão Feudal.

Alguns anos após a publicação de seu livro, Yukio Mishima roteiriza e dirige um curta-metragem homônimo, lançado em 1966, no qual atua como o próprio Tenente Shinji Takeyama. A obra fílmica, explícita em todas as suas cinco partes, foi criticada pelo público da época, que a considerou demasiadamente erótica, sensual e violenta. E em 1970, tornando sua obra profética, Yukio Mishima comete o ritual de Seppuku, após uma fracassada tentativa de tomar as forças militares japonesas e expulsar o Exército dos Estados Unidos da América de seu país.

Diante disto, pode-se verificar, novamente, o suicídio imitativo postulado pela teoria do Efeito Werther, tomando por regra a presença de questões anteriores e exteriores às obras literárias e cinematográficas. Neste caso, em específico, é possível estabelecer uma latente relação entre saúde psicossocial, formação sócio-histórica e o elemento da repetição, que lança a questão jamais respondida: a vida imita a arte, ou a arte imita a vida?

Esta é a sua Morte — O Show: Anomia Social e Espetáculo

O filme *“Esta é a sua morte – O show”* (2017), com direção de Giancarlo Esposito (e que aparece no filme como Mason), foi lançado em 28 de setembro de 2017. A proposta do filme, ao que tudo indica, é questionar os limites dos reality shows, com uma abordagem que visa o questionamento de até onde a mídia sensacionalista pode alcançar fama e audiência. Mostrando a forma como o público recebe o drama passado por outra pessoa e que está sendo alvo de holofotes tanto na TV como na internet.

O filme começa com um reality show onde duas candidatas disputam o coração de um milionário. Na cena em questão as duas estão esperando a resposta do homem por quem estão disputando, ambas estão vestidas de noivas e quando ele escolhe uma delas a outra se sente injustiçada e saca uma arma (aparentemente ela já estava preparada para um possível não) e atira no homem, tenta atirar na outra candidata, mas o apresentador Adam Rogers (Josh Duhamel) protege a candidata. Enquanto acontece todo o caos a mulher se suicida com um tiro. Em uma entrevista o apresentador se revolta dizendo que o que faziam no programa era errado por brincar com o sentimento das pessoas, mas isso parece ser logo esquecido quando recebe a proposta de apresentar um programa onde os participantes iriam para se suicidar, inicialmente ele pondera (por um breve período de tempo), depois ele faz uma outra proposta onde ele apresentaria o programa se as mortes não fossem atoa e se que passassem uma mensagem de valorização a vida, o que é totalmente contraditório. Ele propõe que teria que haver um benefício para a pessoa que escolhe se suicidar no programa, e aí sugere que alguém, ou alguma instituição, que a pessoa escolhesse receberia um valor em dinheiro, a plateia e os espectadores de casa ajudariam com o valor em doações e o programa acrescentaria um valor a mais.

Há uma anomia ao mostrar uma desorganização representada no filme onde as leis existem, mas são desviadas com o uso de desculpas, e de acordo com Barreto Júnior e Lima (2017, p. 122), sobre o conceito de anomia, “pode ser compreendido como ausência de normas, que decorre de grande turbulência social, heteronomia ou perda dos laços sociais e de solidariedade”. O filme traz personagens que usam do fato de não ser um crime, para os Estados Unidos, mostrar suicídios em programas de TV e da fragilidade dos participantes para mostrar suicídios “conscientes” e orquestrado com ajuda de uma produção.

Com outra desculpa, falam em trazer um psicólogo para o programa que daria aval para o participante cometer suicídio, com uma análise que comprovaria que a pessoa estaria em plenas faculdades mentais, mas isso é contraditório, pois só de a pessoa escolher tirar a vida fica evidente que algo de errado estaria acontecendo com sua saúde mental, é válido lembrar que isso é mencionado, mas não é representado na trama, não há nenhum psicólogo em nenhuma das cenas.

O caso que queremos destacar é do Mason, que com a crise econômica e despedido de dois empregos, tenta lidar com a angústia de contas para pagar, entre elas a hipoteca da sua casa, um filho que precisa de tratamento médico e a esposa que ameaça se separar dele caso ele não dê um jeito. Desesperado e com esse programa de suicídios normalizado pela sociedade e sendo divulgado que no último episódio do programa a melhor morte, que seria votada pelo público, ganharia 1 milhão de reais, preocupado com sua família ele se inscreve no programa. No último episódio do show, no entanto, a irmã do apresentador Karina (Sarah Wayne Callies) se suicida com a

justificativa de tentar mostrar a atrocidade que o irmão está fazendo e assistindo a tudo isso e com o decorrer dos acontecimentos Mason desiste do seu suicídio, sendo aclamado pelo público que estava lá para ver a morte dele, o que torna a trama inconsistente e com um desenrolar confuso e que ao tentar trazer reflexões, trouxe em sua bagagem muitos problemas.

A banalização dos sentimentos das pessoas e da morte, e principalmente uma banalização do suicídio, abordando o tema com frivolidade e descaso. A obra cinematográfica é problemática ao trazer o suicídio como um espetáculo televisionado, onde o entretenimento é a degradação da vida do outro. Com uma trama rasa e sem aprofundamento, e com cenas que mostram o ato de suicídio como uma performance, que são das mais variadas, como uma banheira cheia de água e um rádio que é jogado dentro causando eletrocussão, um ato de seppuku, arco e flecha disparados contra si, asfixia com o uso de corda e saco plástico na cabeça, inalação de monóxido de carbono dentro de um carro, etc. Tais performances são apresentadas com o intuito de serem aplaudidas por um público que anseia a cada episódio do programa ver outro indivíduo tirar a vida, incitando com gritos, como, “vai logo” e com aplausos. Durante a exibição são mostradas as mensagens de vídeo gravadas explicando o motivo da morte e a despedida, numa expectativa de causar comoção aos espectadores. O longa-metragem com cenas de suicídios explícitas, com mensagens gravadas e divulgadas, com uma abordagem simplista e uma não divulgação de meios alternativos ao suicídio com o uso de incitação, vai definitivamente contra as diretrizes da OMS para a produção de conteúdo midiáticos, como mostrado no quadro da análise sobre suicídio egoísta.

O jogo da baleia azul – Um fenômeno mundial da internet que estimula o suicídio

Não poderia deixar de ser mencionado, mesmo que brevemente, uma anomia social que ocorreu por meio da internet e que resultou no suicídio de muitos jovens.

Os autores Barreto Júnior e Lima (2017, p. 127 - 129) falam sobre como a internet pode ser um gatilho para jovens por diversos motivos, como vazamento de fotos íntimas - como uma das razões de Hanna que já foi citada - e cita diversos casos reais em que a internet e seus usuários que algumas vezes ainda auxiliam o suicídio. No caso do jogo da baleia azul “consiste em cinquenta desafios diários enviados por um curador, sendo que o último desafio consiste em retirar a própria vida”(BARRETO JÚNIOR E LIMA, 2017, p. 130). Eles também afirmam que “não há números absolutos ou concretos a respeito, porém a estimativa é de que no mundo cento e trinta jovens já teriam se matado em razão do jogo”(p. 132) e:

Os jogos ou desafios devem trazer aos seus jogadores ou desafiados, o desejo de superação, isto é inerente ao jovem, que possui o espírito de competidor, ou que quer provar para si ou para outrem que é capaz, isto é o que se espera. Porém, em hipótese alguma pode haver risco à sua integridade física ou de terceiros, o objetivo é vencer e não desistir de tudo. Entendemos que, a morte nunca deve ser vista como uma opção, é uma solução definitiva para um problema temporário. (BARRETO JÚNIOR E LIMA, 2017, p.132)

Contudo, Barreto Júnior e Lima (2017, p. 133) dizem que o artigo “não almeja tecer considerações definitivas quanto à motivação dos suicídios associados ao jogo da Baleia Azul e não teria elementos suficientes para fazê-lo”, mas, que é inegável o feito potenciador da internet “as relações sociais estabelecidas no meio real”.

E o suicídio anônimo pode, sim, encontrar nas redes sociais o espaço para sua propagação, uma vez que as relações do mundo real, em boa medida, foram transportadas para o espaço virtual. É pouco plausível que a Internet e o jogo da Baleia Azul possam levar alguém que não estivesse propenso ao suicídio a cometê-lo. Mas a Internet pode substituir os antigos espaços de interação real e, dessa forma, oferecer impulso às atitudes de autoimolação. (BARRETO JÚNIOR E LIMA, 2017, p.133)

E concluem que a mesma ferramenta (internet) pode servir para prevenir tais atos. (p.133)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, conclui-se que tanto as materialidades literárias quanto as cinematográficas, sejam elas preocupadas ou não em retratar episódios concretos de suicídio, podem ser movimentados em sentido de risco aos seus leitores e espectadores, haja vista possíveis más condutas no trato de temáticas sensíveis, tais como o suicídio, o abuso e a violência de ordem física, psicológica e/ou sexual e a retratação de episódios e/ou personagens sob a influência de enfermidades psicoemocionais.

Assim, sugere-se que estas obras e produções busquem o auxílio de especialistas na construção de narrativas e enredos a fim de abordar os temas acima mencionados e tantos outros de forma responsável e humana, mirando a segurança de seus consumidores intermediários e finais.

REFERÊNCIAS

BRITO, Isabel. Ansiedade e depressão na adolescência. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 27, n. 2, p. 208-14, 2011.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 17, p. 77-93, 2007.

CENA DO SUICÍDIO DE PERSONAGEM É RETIRADA DA SÉRIE "OS 13 PORQUÊS": **Após dois anos de debates, os produtores da série anunciaram a notícia pelas redes sociais**. Correio Braziliense, 2019. Disponível em: Cena do suicídio de personagem é retirada da série "Os 13 porquês" (correio braziliense.com.br). Acesso em: 06 dez. 2019.

CESAR, R. G. F. **O suicídio no cinema: os filmes de ficção e o problema da prevenção**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Comunicação e

Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/18846/2/rodrigo_cesar_icict_mest_2017.pdf. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

CORDEIRO, Ana Carolina Quaglio; SILVA, Vinicius Jonatas. **A representação do suicídio no audiovisual**: uma análise da série "13 reasons why", 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0296-1.pdf>. Acesso em: 06 de dez. de 2021.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo de sociologia. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESTUDO REFUTA EVIDÊNCIAS DE QUE '13 REASONS WHY' IMPULSIONOU SUICÍDIOS: Para pesquisador, o lançamento da série não teve efeito claro no aumento de casos de suicídio nos Estados Unidos durante os últimos anos. Revista Galileu, 2020. Disponível em: Estudo refuta evidências de que '13 Reasons Why' impulsionou suicídios - **Revista Galileu** | Cultura (globo.com) Acesso em: 06 de dez. de 2021

GOETHE, J. **Os sofrimentos do Jovem Werther**. Trad. Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2021.

GOMES, Letícia Pignataro. **Suicídio na adolescência**: análise da série "13 Reasons Why" à luz da gestalt-terapia. 2018. 74 f. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12363> . Acesso em: 06 dez. 2021.

JUNIOR, Irineu Francisco Barreto; LIMA, Marco Antonio. Suicídio e o jogo da baleia azul analisados na perspectiva de anomia de Émile Durkheim. **Revista de Sociologia, Antropologia e Cultura Jurídica**, v. 3, n. 1, p. 121-136, 2017.

Organização Mundial da Saúde (OMS). **Manual para profissionais da mídia**. (2000). Disponível em: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf Acesso em: 06 dez. 2021.

PHILLIPS, D. P. The Influence of Suggestion on Suicide: Substantive and Theoretical Implications of the Werther Effect. **American Sociological Review**, v.39, n.3, p.340-354, jun. 1974.

PORQUÊS, Os Treze. Primeira temporada. Direção: Brian Yorkey. Produção de Joseph Incaprera. Estados Unidos da América: Netflix, 2017. 716 min. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/title/80117470> > Acesso em: 06 dez. 2021.

PONS, Philippe. **Curta-metragem profético de Mishima vem à tona no Japão**. Folha de S. Paulo, 27 ago. 2005, Ilustrada, p. 1. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2708200524.htm> > Acesso em: 06 dez. 2021.

MORTE, Patriotismo, ou Rito de Amor e. Direção: Yukio Mishima. Produção de Yukio Mishima. Japão: Japan Art Theatre Guild, 1966. 28 min. Disponível em: < <https://youtu.be/8HDyfZaU2FM> > Acesso em: 06 dez. 2021.

SHOW, Esta é a sua Morte: o. Direção: Giancarlo Esposito. Produção de Christopher D'Elia. 2017. Estados Unidos da América: Weedon Medias. 104 min. Disponível em: < <https://www.primevideo.com/detail/Esta-%C3%A9-a-Sua-Morte/0U8HTJUBQF41J4ALET2XWOYL7> > Acesso em: 06 dez. 2021.

UNICEF. **Estatuto da Criança e do Adolescente** — 1990. Brasília (DF): Escritório da Representação do UNICEF no Brasil; [s.d.].